

O ENSINO DE HISTÓRIA PARA OS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

Bianca Langhinrichs Cunha¹; Márcio Caetano².

Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Contato:

biahcunha@hotmail.com; mrvcaetano@gmail.com.

Resumo

Atualmente muito se tem debatido a respeito do ensino de História e também sobre o ensino de Surdos nas escolas bilíngues. Contudo, os debates ainda encaram essas duas questões como isoladamente. Essa pesquisa propõe unir as duas temáticas e discuti-las de forma integrada. Tendo como problemática de pesquisa: Como se constitui o ensino de História para estudantes surdos na educação bilíngue na região sul do Rio Grande do Sul. Para tanto, buscaremos no estudo de campo os meios necessários para alcançar o objetivo descrito.

Palavras-chave: ensino de História; Surdos; escola bilíngue; libras.

Introdução

Atualmente muito se tem debatido a respeito do ensino de História e também sobre o ensino de Surdos³ nas escolas bilíngues⁴. Contudo, essas pesquisas ainda se dão de forma isolada. O objetivo dessa pesquisa é unir as duas temáticas e discuti-las de forma integrada. No entanto, antes de apresentar a metodologia, referencial teórico e a análise dos dados coletados faço uma apresentação inicial de como me constituí enquanto Historiadora e Tradutora/intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua portuguesa, e quais os caminhos que me trouxeram até essa pesquisa.

Atuo como Tradutora/Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa - Tilspl na Universidade Federal do Rio Grande- FURG, desde 2014 como servidora, mas iniciei meu trabalho

¹ Mestrando em História no programa de Pós graduação profissional em História - FURG.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

³ Há um acordo tácito entre partidários de novas configurações identitárias na área em grafar o termo *Surdos* com letra maiúscula sempre que estiver em foco o debate em torno do sujeito e suas diferenças culturais, e a expressão *surdez*, com letra minúscula, quando a discussão envolver aspectos clínico terapêuticos relacionados à perda auditiva e à deficiência. Portanto, utilizaremos nesta dissertação essa convenção.

⁴ Nessa modalidade o estudante Surdo “terá que adquirir duas línguas, a Língua de Sinais de forma plena e a língua falada de seu país em sua forma escrita (leitura e escrita)” (STUMPF,2008, p.426)

nessa instituição como prestadora de serviço, também como tradutora/intérprete, no primeiro semestre de 2013. Possuo curso técnico de tradução e interpretação de Libras concluído no ano de 2013, sou graduada em História Bacharelado com ênfase em Gestão do Patrimônio Histórico e Cultural, com conclusão em 2014, além de especialização em Libras com ênfase em educação bilíngue para Surdos, concluída em 2015. Apresentarei na sequências os caminhos que me trouxeram até essa pesquisa.

Meu primeiro contato com a língua brasileira de sinais foi na escola Estadual de Ensino Fundamental Barão de Cêrro Largo, situada na cidade do Rio Grande - RS. Ingressei na escola em 1994, com 06 anos de idade e estudei lá até a conclusão do Ensino Fundamental em 2002, mas não aprendi a língua de sinais nesse momento, apenas tive contato com estudantes surdos da escola.

Nesse período que estudei lá, estava em voga o sistema de ensino inclusivo com o apoio de classes especiais. Nessa escola os alunos estudavam em classes separadas e quando eram considerados “aptos” ingressavam no ensino regular.

Lembro de ter estudado na mesma sala com dois estudantes Surdos oralizados, na sala não havia tradutores/intérprete de libras/português. Normalmente eles sentavam nas primeiras fileiras para que pudessem ouvir melhor a professora (utilizavam aparelhos auditivos) e também fazer leitura labial. A interação com esses estudantes se dava de forma limitada, pois um deles não fazia leitura labial e tinha baixa audição.

A Escola não ofertava cursos de Libras para os estudantes ouvintes, com isso, a grande maioria não sabia a Língua de sinais, mas na hora do intervalo era um momento de integração entre os ouvintes e Surdos que sinalizavam e com os Surdos oralizados e a comunicação ocorria através de gestos e mímicas.

Mesmo não tendo aprendido Libras nesse momento considero a experiência nessa escola como parte da minha constituição identitária e acredito que tenha tido grande influências nas minhas escolhas futuras ao longo da minha formação profissional.

No ano de 2010, ingressei no curso de História Bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, a ideia inicial era permanecer no curso por alguns semestres até ser aprovada no curso de Direito, meu objetivo principal naquele momento. Contudo, as experiências nesse curso me atravessaram de tal maneira que ao fim do primeiro semestre já não pensava mais na possibilidade de desistir dessa graduação. Ao longo da graduação comecei a pesquisar temáticas relacionadas às

comunidades, mais precisamente sobre comunidade indígena. A partir disso passei a atuar em um projeto vinculado ao programa de extensão Comunidades FURG (COMUF) intitulado “Ampliação dos direitos do Kaingangues na praia do cassino: registro e salvaguarda Jê ao ecossistema costeiro do Rio Grande do Sul”. A participação neste projeto de extensão fez com que aumentasse a proximidade com os estudantes indígenas da Instituição.

Em 2011, ingressaram novos estudantes na Universidade e as dificuldades de adaptação apresentadas por eles fizeram com que eu migrasse de projeto e começasse a participar/atuar no PAIETS Indígena. Por meio deste Programa, algumas atividades educacionais são desenvolvidas semanalmente como o objetivo de auxiliar na adaptação dos estudantes através da educação popular. Inicialmente, trabalhei como mediadora entre os estudantes indígenas e os educadores do projeto, já que alguns tinham algumas dúvidas de como seria uma aproximação com uma cultura diferente.

Ainda em 2011, através do projeto “Lutando pela Inclusão: Libras para Todos”, do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, foi ofertado para os acadêmicos e para a comunidade em geral um curso básico de Libras, com carga horária total de 60h. Me inscrevi no curso, mas devido à alta carga horária do meu curso de graduação, pensei em desistir; contudo, decidi ir na primeira aula só por curiosidade. Quando cheguei ao local combinado havia uma professora Surda ministrando uma palestra sobre questões mais teóricas relacionadas à área da Surdez e esclarecendo curiosidades sobre o tema, essa primeira aula foi traduzida/interpretada por uma profissional presente no local. Confesso que fiquei encantada com a facilidade que a Surda tinha para se comunicar e com a habilidade e a agilidade da intérprete na hora de fazer a tradução e, nesse momento, decidi continuar frequentando o referido curso.

Como a turma era muito grande, foi dividida em duas e fiquei com o grupo de outro professor também Surdo que, para surpresa de todos, já na sua primeira aula dispensou a tradutora/intérprete de libras/português que estava presente no local. Com isso, nós fomos “obrigados” a interagir direto com o professor e tivemos um contato mais profundo com a língua de sinais.

Esses contatos mais diretos com uma nova língua e a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre uma cultura diferente foram despertando curiosidades a respeito do tema. Com o desejo de me aprofundar mais na área e desenvolver uma maior autonomia no contato com os Surdos no ano de 2012, me inscrevi em um curso técnico particular de tradução e interpretação da língua brasileira de sinais com duração de 800h ofertado na Escola de Educação Profissional São Jorge, localizada na cidade do Rio Grande . Este curso ampliou ainda mais meu contato com os surdos e além de me tornar

fluente em Libras, me tornei um tradutora/intérprete da língua. Entre 2012 e 2013 cursei de forma paralela o curso técnico e o curso de graduação, sendo de segunda a sexta no turno da tarde as aulas da graduação e sexta-feira a noite e sábado no período da manhã e da tarde as aulas do curso técnico.

Ao longo da minha graduação tive um contato muito próximo com as duas comunidades: a indígena e a comunidade Surda. Com isso, pude perceber algumas semelhanças entre esses dois grupos. Por isso, meu trabalho de conclusão do curso de graduação intitulado “ A legitimidade da comunidade surda a partir dos traços culturais da comunidade indígena” tinha como objetivo fazer uma aproximação entre a comunidade surda com a comunidade indígena, tenho como intuito legitimar a causa Surda enquanto comunidade.

No primeiro semestre de 2013, antes de finalizar o curso técnico de tradução e interpretação fui convidada por uma das professoras do curso e servidora da Universidade Federal do Rio Grande-Furg para atuar profissionalmente na Instituição. Naquele período o mercado não contava com muitos tradutores/intérpretes habilitados e alguns profissionais contatados não estavam disponíveis para atuar na Universidade. Com o objetivo de ir além do conhecimento teórico que estava adquirindo no curso aceitei o convite.

Comecei atuando no curso de pedagogia no qual havia uma Surda inserida, nesse meio tempo passei a traduzir também no curso de ciências contábeis que também contava com um aluno Surdo matriculado. Passei a ter contato com outros profissionais da área de tradução/interpretação além dos professores Surdos da Universidade. No final do ano de 2013 fui classificada no concurso técnico administrativo para o cargo de tradutor/intérprete de Libras e passei a atuar na instituição como servidora no início do ano de 2014.

Enquanto bacharel em História nunca havia aprofundado pesquisas na área educacional, ao começar a atuar nesses espaços senti uma grande necessidade de me aprofundar mais nesse tema. Com isso, cursei uma especialização em Libras com ênfase em educação bilíngue para Surdos. Ser tradutora/intérprete me possibilita estar inserida dentro da sala de aula quase que diariamente. Essa atuação, bem como o aproximação com os acadêmicos Surdos fez com que eu percebesse, de maneira informal, que o ensino básico cursado por esses estudantes deixaram algumas lacunas que reflete no aprendizado no curso superior.

Comecei a ter algumas inquietações a respeito dessa temática e detectei a necessidade seguir me atualizando e de me aprofundar nesse tema e nesse momento achei que seria pertinente fazer um

mestrado na área de ensino. Ao longo da construção do meu projeto para ingressar no Mestrado Profissional em História, fui aprofundando algumas leituras e com isso foram surgindo diversas curiosidades e inquietações e ao longo das minhas pesquisas não encontrei leituras que falassem sobre o ensino de História nos ambientes escolares bilíngues. Escola bilíngue é o espaço em que o ensino se dá em língua de sinais, a Libras, juntamente com o ensino da língua oral na modalidade escrita, no caso a Língua Portuguesa. Levando em consideração que a primeira língua dos Surdos é a Libras e a segunda a Língua Portuguesa.

Dessas inquietações surge minha problemática de pesquisa: Como se constitui o ensino de História para os Surdos⁵ em uma escola bilíngue da região sul do Rio Grande do Sul? Dessa forma o objetivo geral é compreender os processos de ensino de História para Surdos em uma escola bilíngue. Essa pesquisa trabalha com os seguintes objetivos específicos: analisar as práticas de ensino de História em uma escola bilíngue para Surdos; Identificar as potencialidades do ensino de História para Surdos na perspectiva bilíngue.

Metodologia

Em termos metodológicos, saliento que o trabalho assenta-se na pesquisa qualitativa. Cordova e Silveira (2009) destacam que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização.

Essa escolha se deu com o objetivo de entender como se dá o ensino de História para Surdos em uma escola bilíngue a partir desse contexto mais gerais. Onde o foco principal de análise não é o resultado final, mas sim todo o processo. Analisar o ensino de História na escola bilíngue sem deslocá-lo do espaço escolar. Conforme destaca Godoy (1995) um fenômeno pode ser mais bem observado, e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.

Estar inserida na escola faz com que seja possível me aproximar do tema e para compreendê-lo a partir da perspectiva da professora de História e dos estudantes Surdos. Sobre isso Godoy (2005) fala que o interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta

⁵ Saliento que o presente trabalho tratará somente sobre Surdos que utilizam a língua de sinais, já que alguns Surdos optam pela oralização como forma de se comunicar.

nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa “ilumina”, esclarece o dinamismo interno das situações frequentemente invisível para observadores externos.

Será utilizada também a pesquisa descritiva como metodologia para desenvolvimento da pesquisa. Segundo Gil (2008) tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

Na pesquisa descritiva todas análises, estudos bem como os registros são feitos pelo pesquisador, mas sem manipulação ou interferências. Cabendo ao pesquisador apenas descobrir a frequência com que o fenômeno ocorre ou como se estrutura dentro de um determinado sistema, método, processo ou realidade operacional.

Nesse sentido a escolha feita pela metodologia descritiva também contempla o estudo de campo que, segundo Gil (2008) focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a atividade é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (Gil, 2008) p.53

O estudo de campo está sendo feito em uma escola bilíngue da região sul do Rio Grande do Sul, as observações estão sendo feitas nas aulas de História de uma turma de sétimo ano inicialmente, mas que passou por uma transição para o oitavo ano ao longo das observações.

A escolha do ano ser observado foi feito juntamente com a professora responsável pela turma. Por ser um colégio relativamente novo essa turma conta somente com três alunos. A turma do ano seguinte tem somente uma aluna, por isso foi indicado pela professora as observações na turma de sétimo ano.

Durante as observações na transição do semestre os estudantes foram aprovados e passaram a frequentar o oitavo ano, pois a escola se baseia na metodologia tida como temporalidade flexível. Com isso, as observações de campo ocorreram em anos diferentes. As observações são feitas uma vez por semana, o dia também foi indicado pela professora.

Destaco a intenção de fazer uma entrevista com a professora que ministra as aulas de História na referida escola. As perguntas ainda não foram elaboradas, mas visam ampliar as questões que serão trazidas com as análises dos dados coletados e enriquecer a pesquisa, bem como abrir espaço para as representações da escola.

Resultados e Discussão

Atualmente, para trabalhar com o ensino de História se faz necessário pensar em novos métodos e caminhos que tragam diferentes sentidos às aulas para que o conteúdo ensinado em sala de aula se aproxime mais da realidade do aluno e faça com que ele se identifique com o que vem sendo ensinado além de estabelecer relações de pertencimento com o espaço ao seu redor auxiliando na construção identitária desses estudantes. Com isso, é importante que o estudante realize suas próprias construções a respeito dos fenômenos sociais, não sendo mero receptores das informações dos professores. Nesse sentido, Maria Auxiliadora Schmidt (2010) destaca que os próprios estudantes formulam suas próprias hipóteses e interrogações acerca do mundo em que interagem já que a principal característica destas hipóteses e problematizações dizem respeito ao seu relacionamento intrínseco com as interações sociais vivenciadas pelos alunos, pois eles são sujeitos sociais, com um determinado pertencimento de classe e com inserção em uma determinada cultura.

Para tanto, é de suma importância levar em consideração o conhecimento prévio do aluno já que, ainda segundo Schmidt (2010), isso incluiria também, informações sobre o presente e o passado, possui uma lógica própria não sendo, portanto, aleatório. Através desta perspectiva os estudantes e professores são entendidos como agentes históricos, onde o aluno deixa de ser somente aprendiz e também se torna um produtor de conhecimento. Com isso, o espaço escolar se torna um local de compartilhamento de conhecimentos adquiridos através das experiências destes indivíduos.

Nesse mesmo sentido, Circe Bittencourt nos traz a importância da representação social nos meios educacionais “o fundamental é identificar os conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, pela mídia, etc. que estejam solidamente enraizados, porque são uma construção pela qual o jovem ou a criança se apropriam do real, tornando-o inteligível.” (BITTENCOURT, 2005, p.236).

Torna-se importante que as representações sociais sejam levadas em consideração, pois os indivíduos estão marcados pelos grupos sociais aos quais se encontram inseridos. Através disso, a representação social “permite repensar o conteúdo escolar e identificar o que os alunos já sabem de maneira positiva e útil.” (BITTENCOURT, 2005, p.240). A autora também destaca a importância do

professor identificar quais são essas representações sociais e qual o conhecimento que o aluno apresenta a respeito do tema a ser estudado conseguindo melhor organizar os conteúdos além de ampliar informações, explicar com maior cuidado estudos comparativos e estabelecer com maior segurança os critérios para a escolha de materiais adequados.

Seguindo a mesma linha Selva Guimarães Fonseca nos traz a História como “disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora” (FONSECA,2003,p.89) e no aponta como papel central da História a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.

Nessas perspectivas apresentadas os alunos não vistos apenas como meros agregadores e reprodutores do que está sendo ensinado, mas sim como sujeitos históricos que possuem uma identidade e uma cultural.

Contudo, para falar sobre cultura é necessário, primeiramente, estabelecer o seu conceito. É possível perceber que este é um conceito muito amplo e há muitas variações quanto à sua definição. É importante entendermos os aspectos culturais de cada grupo para que assim possamos entender suas práticas cotidianas, pois, conforme destaca Santos “cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais elas passam” (SANTOS,1983, p.8).

Em linhas gerais, o conceito de cultura está associado a uma ideia de padronização social; este liga-se ao o pensamento de que há apenas uma cultura e todos devem se reconhecer e ser pertencentes a ela. Segundo Hall (2006), a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais como, por exemplo, um sistema educacional nacional.

Porém, na realidade, é possível perceber que dentro de um mesmo país como, por exemplo, o Brasil, existem diferentes manifestações culturais que variam de acordo com a região habitada por cada grupo. Não é possível analisar cada cultura de forma isolada já que há influência do “todo” em pequenas práticas. Nesta direção, torna-se importante que levemos em consideração essa diversidade cultural e o contexto histórico social de cada grupo, conforme atesta Santos:

(...) isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos. Mesmo porque essa diversidade não é só feita de idéias; ela está relacionada com as maneiras de atuar na vida, é um elemento que faz parte das relações sociais no país. A diversidade também se constituiu de maneiras diferentes de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo dessa forma para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas (SANTOS, 1983, p. 19).

Em geral, as definições de cultura se referem à literatura, cinema, artes, entre outras; porém, seu sentido é mais abrangente, pois cultura pode ser considerada como tudo o que o homem, através de sua racionalidade, mais precisamente a inteligência, consegue executar. Dessa forma, todos os povos e sociedades possuem sua cultura por mais tradicional e arcaica que seja, pois todos os conhecimentos adquiridos são transmitidos da geração passada para a futura. Práticas como artes, ciências, costumes, sistemas, leis, religião, crenças, esportes, mitos, valores morais e éticos, comportamento, preferências, invenções e todas as maneiras de ser pensar e agir fazem parte dos elementos culturais de cada comunidade. Com isso, podemos pensar a cultura como uma das principais características humanas, pois somente o homem tem capacidade de desenvolver culturas, distinguindo-se desta forma de outros seres como animais e vegetais.

Apesar da evolução pelas quais passa o mundo, a cultura tem a capacidade de permanecer quase intacta, e são passadas aos descendentes como uma memória coletiva, lembrando que a cultura é um elemento social, impossível de se desenvolver individualmente.

Devemos levar em consideração que estudos sobre cultura são relativamente recentes e começaram a surgir a partir do século XVIII e se intensificaram a partir do século XIX, com a expansão das nações europeias. Foi também nesse século que a vida social passou a ser analisada através de um viés laico. O início de uma discussão mais científica sobre cultura está associado, segundo Santos (1983, p. 30):

(...) as preocupações de entender os povos e nações que se subjugava. Ela era alimentada por expansão política e econômica das sociedades industrializadas, que lhes fornecia campo de observação e possibilitava o acesso material para estudo.

Dessa forma, as culturas eram vistas de forma hierarquizada e algumas culturas como sendo mais importantes do que as outras, justificando assim práticas de dominação. Atualmente, ainda nos deparamos com esses conceitos e pontos de vista. Nesse sentido, Santos destaca que “entendendo dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros” (SANTOS, 1983, p.45).

Além disso, também não podemos entender cultura como algo estanque, mas sim como o resultado de práticas que são fruto de um processo histórico social e que tendem a se modificar ao longo do tempo. Com isso alguns eventos culturais tradicionais podem deixar de existir, mas a cultura permanece, tendo em vista que, esta é resultado de uma interação coletiva. Destaco, então, que cultura é algo mutável e originada de produções coletivas e das ações humanas.

Portanto, torna-se importante entender o que leva essas comunidades a essas produções e ações humanas. Isso é possível ao analisar algumas questões relacionadas à identidade. Portanto, além de pensar sobre o conceito de cultura deve-se levar em consideração a identidade cultural de cada indivíduo e como ele se reconhece. Segundo Taylor (1997), a identidade é “a maneira como uma pessoa se define, como é que as suas características fundamentais fazem dela um ser humano” (TAYLOR, 1997 p.45). Nesse sentido, é importante levar em consideração a maneira como cada pessoa se reconhece.

Não podemos esperar que todos os indivíduos se reconheçam e se entendam de maneira igualitária, devemos reconhecer que há uma identidade individualizada. Segundo Colaço e Sparemberger (2011), a identidade individualizada é aquela que cada ser descobre em si mesmo, sendo verdadeiro com sua própria originalidade. E é com base nessa ideia que se torna possível entender o ideal moderno de autenticidade e os objetivos de auto-realização que acolhem este ideal.

Contudo, embora seja importante reconhecer que os indivíduos possuem identidade individualizada, no caso de comunidades há um elo que une esses grupos, como destaca Tonnies (1995) apud Ramiro (2006) ao diferenciar sociedade e comunidade:

Em teoria, a sociedade consiste em um grupo humano que vive e habita lado a lado de modo pacífico, como na comunidade, mas, ao contrário desta, seus componentes não estão ligados organicamente, mas organicamente separados. Enquanto na comunidade os grupos permanecem essencialmente unidos, a despeito de tudo que os separa, na sociedade eles estão essencialmente separados, apesar de tudo o que os une (TONNIES, 1995, p. 252 apud RAMIRO, 2006, p.23).

É possível perceber que, conforme Tonnies destaca, as comunidades permanecem unidas independentes de alguns fatores que possam promover sua separação. Strobel (2008) salienta o conceito de comunidade conforme descrito no Dicionário Houaiss, desta forma, comunidade é descrita como um conjunto de habitantes do mesmo Estado ou qualquer grupo social cujos elementos vivam numa dada área, sob um governo comum e irmanados por um mesmo legado cultural e histórico ou ainda como, um conjunto de indivíduos que utilizam o mesmo idioma ou um

agrupamento de pessoas que, num período específico de tempo, usam a mesma língua ou o mesmo dialeto. Destaca também que essa comunidade pode coincidir com a nação, se esta for monolíngue, ou pode ser o conjunto de povos que tem uma língua em comum. É possível também, entender comunidade como um conjunto de indivíduos que, em razão de fatores de natureza social, geográficos, históricos, culturais, raciais, etc. tem em comum certas características que os distinguem de outros grupos mesmo meio e na mesma ocasião.

Dessa forma, no que diz respeito a identidade Pereira (2001), destaca que conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), um dos objetivos mais relevantes quanto ao ensino de História relaciona-se à questão da identidade. É de grande importância que os estudos de História estejam constantemente pautados na construção da noção de identidade, através do estabelecimento de relações entre identidades individuais, sociais. O ensino de História deve permitir que os alunos se compreendam a partir de suas próprias representações, da época em que vivem, inseridos num grupo, e, ao mesmo tempo resgatem a diversidade e pratiquem uma análise crítica de uma memória que é transmitida.

Conclusões

A pesquisa ainda está sendo desenvolvida. Espera-se com a análise dos dados coletados entender um pouco melhor como se dá o ensino de História para estudantes Surdos nas escolas bilíngues para Surdos.

Referência

ALBRES, N. A. A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores. 2005. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. 2005.

BITTENCOURT, C. M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CALDAS, A.L.P. O Filosofar na arte da criança surda: construções e saberes. 2006. 123f. Dissertação (Mestrado em educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2006

DALCIN, G. Um estranho no ninho: Um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo In: QUADROS, R.M. (Org.). Estudos Surdos I. Rio de Janeiro: Ed. Arara Azul, 2006. p. 186-215.

FERNANDES, Sueli. Educação de surdos. Curitiba: Ibepex, 2007

FONSECA, Selva G. Didática e prática de ensino de História. São Paulo: Papyrus, 2012.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa?* São Paulo: Parábola Editora, 2009. 2ª edição.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A.S. Refletindo sobre os critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Revista eletrônica de gestão organizacional. v.03, n.1, p.81-89, 2005

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

HALL, S. A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE. 11ª edição. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006, 102p.

MOREIRA, A.; SILVA, T.T. Currículo, cultura e sociedade. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

PEREIRA, J.C.C. O ensino de história nas séries iniciais. Jornada HISTEDBR. Campinas, SP, Vol. 2, nº 2, Jul/2011.

QUADROS, R.M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. Ponto de vista, Florianópolis, n.05,p.81-111,2003.

QUADROS, Ronice Muller de, KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMIRO,P.A. Identidade e pobreza:buscando caminhos para interpretação na vida da cidade.In. LUCENA,T.C; GUSMÃO,N.M.M. (Org.) Discutindo identidades. São Paulo:Humanitas/CERU,2006.

SANTOS, J.L. O que é cultura. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A,1983. 5ª Edição.

SANTOS, N.J.M. Os Diferentes Métodos Utilizados ao Longo da História da Educação dos Surdos no Brasil: Da Fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos aos Dias. In. Encontro de pesquisa em educação em Alagoas n. 4, 2011, Arapiraca. 10p.

SILVA, T.T Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica,2004.

SILVEIRA,D.T; CÓRDOVA,F.P. A pesquisa Científica. In:GERHARDT,T.E;SILVEIRA,D.T. (Org.) Métodos de pesquisa. Porto Alegre:Editora da UFRGS, 2009.

SKLIAR, C.B.Educação & Exclusão, Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial. In: SKLIAR. C.B. (Org.) Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SPAREMBERGER,R.F.L; COLAÇO,T.L. Direito e identidade das comunidades tradicionais -do direito do autor ao direito à cultura Liinc em Revista, v.7, n.2, outubro, 2011, Rio de Janeiro, p.681 – 700

STUMPF,M.R. Relato de experiências: a educação bilíngue para surdos e a realidade brasileira. In: QUADROS, R.M; STUMPF,M.R (Org.) Estudos Surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

STROBEL, K.L. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. In Dossiê Grupo de estudos e subjetividade. ETD- Educação temática digital, Campinas, v.7, p. 245-254, jun 2006 – ISSN:1676-2592

TAYLOR, Charles. Multiculturalismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

VEIRA, C. Educação de surdos: problematizando a questão bilíngue no contexto da escola inclusiva. 2001. 103f. Dissertação (Mestrado em educação) Faculdade de ciências humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo. 2011.

VILHALVA, S. O despertar do silêncio. Florianópolis: Arara Azul, 2004.

